

SUBJETIVIDADE COMUNICATIVA: A CONTRIBUIÇÃO DE EMMANUEL LÉVINAS PARA O BRASIL

Ednilson Turozi de Oliveira¹

RESUMO: A tese desse artigo é a de que a caracterização levinasiana para a subjetividade é “subjetividade comunicativa”. Isso se deve ao fato de que é impossível conceber a subjetividade levinasiana sem considerar sua dependência da definição filosófica da “comunicação” e seu vínculo quer com a linguagem quem com a estrutura da ideia do infinito. A essência profunda da linguagem é a comunicação entre interlocutores. Lévinas traduz essa estrutura da ideia do infinito de Descartes como a ideia do “mais habitando no menos” na subjetividade hospitaleira, ou seja, comunicativa. A caracterização para a subjetividade como subjetividade comunicativa é haurida de dois comentadores: Adriaan Theodoor Peperzak e John Llewelyn.

Palavras-chave: subjetividade, linguagem, comunicação, estrutura da ideia do infinito, metafísica, ética.

ABSTRACT: The thesis of this article is that the Levinasian characterization for subjectivity is “communicative subjectivity”. This is due to the fact that it is impossible to conceive Levinasian subjectivity without considering its dependence on the philosophical definition

¹ Graduado em Filosofia pela PUCPR (Curitiba). Mestre em teologia pela *Catholic Theological Union*, em Chicago. Estudos de flauta, piano, órgão, violão clássico, harmonia e composição no Brasil (Conservatório Santa Cecília – Curitiba –, Escola de Música de Minas – Belo Horizonte –, *Sherwood Conservatory of Music*, em Chicago). Em 1991, foi estudante no estágio supervisionado na temática da Ética e Macroeconomia e Filosofia Política em Washington, D.C., no *Wesley Theological Seminary*. Trabalhou na Enfermagem na UTI do Hospital Nossa Senhora das Graças (Curitiba – PR). De 1995 a 1999 atuou com os Missionários Xaverianos na área do Diálogo Interreligioso na Indonésia e também se dedicou ao estudo do Islã em Jacarta no centro de estudos Paramadina, do Budismo Theravada em Jacarta e Surabaya, do Hinduísmo em Bali. Doutorado pela Universidade Federal de Juiz de Fora, programa de Ciência da Religião, área de concentração em Filosofia da Religião. Pós-doutorado pela mesma Universidade, área de concentração em Filosofia da Religião. Tanto no Doutorado como no Pós-doutorado foi bolsista da FAPEMIG. Orientador do doutorado e do pós-doutorado: Prof. Dr. Luís Henrique Dreher (UFJF). Desde 2007 até 2014 atuou na Diocese de São José dos Pinhais (PR) como pároco e como reitor do Seminário Maria Mãe da Igreja, e lecionou na FAF (Faculdade Arquidiocesana de Filosofia), PUCPR, FAVI (Faculdade Vicentina) e FASBAM (Faculdade São Basílio Magno) em Curitiba (PR). Atualmente leciona Introdução à Filosofia, Métodos e Técnicas de Pesquisa, Teodiceia, Filosofia das Ciências Naturais no UNIFAI (Centro Universitário Assunção – São Paulo) e atua pastoralmente na Arquidiocese de São Paulo – Recanto dos humildes, Bairro Perus, na Paróquia Santíssima Trindade.

of “communication” and its link between language and the structure of the idea of infinite. The deep essence of language is communication between interlocutors. Lévinas translates this structure of the idea of the infinite of Descartes as the idea of “more-inhabiting-less” within the innermost self of hospitable subjectivity, that is, communicative subjectivity. The characterization for subjectivity as communicative subjectivity is based upon two commentators: Adriaan Theodoor Peperzak and John Llewelyn.

Keywords: subjectivity, language, communication, structure of the idea of infinite, metaphysics.

INTRODUÇÃO

Dos dias 26 a 28 de outubro de 2017 na Capital mineira – Belo Horizonte – na Faculdade Jesuíta e na Escola Superior Dom Helder Câmara realizou-se o **III Seminário Internacional Emmanuel Lévinas** quando foi aprovado com estatuto o Centro Brasileiro de Estudos Levinasianos (CEBEL) – em 28 de outubro de 2017.² Emmanuel Lévinas (1906-1995) foi um filósofo judeu lituano cuja carreira acadêmica transcorreu, maiormente, na França (Paris). Ele foi o introdutor da tradição fenomenológica na França e contou com o apoio de Jean-Paul Sartre (1905-1980). Lévinas estudou em Friburgo com Edmund Husserl (1859-1938), tido como o pai da fenomenologia.³ No Brasil, um dos primeiros estudiosos do pensamento levinasiano foi o Padre Pergentino Pivatto da PUC de Porto Alegre.⁴

A proposta desse artigo é apresentar o pensamento de Lévinas para estudantes brasileiros/as em termos de subjetividade comunicativa. Por se tratar de uma reflexão filosófica, a subjetividade como um todo é comunicativa, haja vista que, desde Platão, a reflexão filosófica visa o Todo.

A tese desse artigo acerca da filosofia do Lévinas é esta: há um movimento de passagem da subjetividade egotista para a subjetividade comunicativa na interpretação levinasiana da ideia do infinito. Logo, conclui-se que é impossível conceber a subjetividade levinasiana sem considerar sua dependência da definição filosófico-levinasiana da “comunicação”.

² Verifique-se: http://www.faje.edu.br/eventodinamico/eventos/index.php?pagina=grupo_conteudo&tela=33&evento=37. Acesso em 30 de outubro de 2017.

³ Veja-se essa excelente introdução ao pensamento de Emmanuel Lévinas: COSTA, Márcio Luis. *Lévinas: Uma introdução*. Petrópolis: Vozes, 2000.

⁴ Um de seus artigos: PIVATTO, Pergentino S. *Ética da alteridade*. In: OLIVEIRA, Manfredo A. de (org.) *Correntes fundamentais da Ética contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 79-97.

Essa tese é haurida da reflexão do comentador de Lévinas: Adriaan Theodoor Peperzak. O comentador explana que a “assimetria instituída pelo encontro” inter-humano possui a “estrutura da ideia do infinito”.⁵ Lévinas traduz essa estrutura da ideia do infinito de Descartes como a ideia do “mais habitando no menos” na subjetividade hospitaleira, ou seja, comunicativa.⁶ Comunicar não é apenas falar, é acolher. Além do Peperzak, o comentador John Llewelyn possui indicações textuais nas obras do Lévinas acerca do tema da comunicação.⁷

Lévinas assim reflete sobre “comunicação” em *Totalité et Infini* e *Autrement qu’être ou au-delà de l’essence*:

A comunicação das ideias e a reciprocidade do diálogo escondem já a essência profunda da linguagem. Esta reside na irreversibilidade da relação entre Mím e o Outro, na Mestria do Mestre que coincide com a sua posição de Outro e de exterior. Com efeito, a linguagem só pode falar-se se o interlocutor for o começo do seu discurso, se por conseguinte ele permanecer para além do sistema, se não permanecer no mesmo plano que eu. O interlocutor não é um Tu, é um Vós. Revela-se no seu senhorio. A exterioridade coincide, portanto, com um domínio. A minha liberdade é assim posta em causa por um Mestre que a pode bloquear. A partir daí, a verdade, exercício soberano da liberdade, torna-se possível.⁸ [...] A intriga da proximidade e da comunicação não é uma modalidade da consciência. O desbloqueio da comunicação é realizado no Dizer. [...] [Na] ruptura da interioridade e no abandono de todo abrigo, na exposição ao traumatismo, na vulnerabilidade. [...] O sujeito no Dizer se aproxima do próximo em se ex-primindo, no sentido literal do termo em se expulsando fora de todo lugar, não habitando mais [...]. [O Dizer] é a respiração mesma dessa pele antes de toda intenção. O sujeito não está em si, [mas] entendido como atos de ferimento ou de se exilar.⁹

⁵ PEPERZAK, Adriaan Theodoor. *To the Other: an introduction to the philosophy of Emmanuel Levinas*. West Lafayette: Purdue University, 1993. p. 164. Cf. LÉVINAS, Emmanuel. *De l’existence a l’existant*. Paris: Vrin, 1998 [1963]. p. 162-163 (ID. *Da existência ao existente*. Campinas: Papyrus, 1998. p. 113): “Outrem, como outrem, não é somente um *alter ego*. Ele é o que eu não sou: ele é o fraco enquanto sou forte; ele é o pobre; ele é ‘a viúva e o órfão’. [...] Ou então, ele é o estrangeiro, o inimigo, o poderoso. O essencial é que ele tem esta qualidade de sua própria alteridade. O espaço intersubjetivo é inicialmente assimétrico”.

⁶ LÉVINAS, Emmanuel. *L’au-delà du verset*. Paris: Minuit, 2002 [1982]. p. 7.

⁷ LLEWELYN, John. *Emmanuel Levinas: the genealogy of ethics*. London/New York: Routledge, 1995. p. 196, 234.

⁸ TEI 75 (ID. *Totalidade e Infinito*, p. 87).

⁹ AE 62.

Lévinas afasta-se da apresentação da subjetividade em termos racionais ou empiristas, idealistas, realistas ou antirrealistas. A subjetividade comunicativa é instância e instantânea. Há pelo menos quatro instâncias na subjetividade que a tornam comunicativa por excelência. 1) Sensibilidade à flor da pele; 2) proximidade do próximo; 3) a face alheia que fala, interpela; 4) colocar-se no lugar do próximo – a substituição.

A primeira instância da subjetividade comunicativa é a de ser sensibilidade à flor da pele. A sensibilidade humana é à flor da pele, isto é, voltada para fora, para perceber o que vem de fora, com ou sem o órgão da visão ou da audição – a pele sente. A pele é sensível à presença do próximo. A subjetividade humana possui pele. A pele da subjetividade humana deseja comunicação, deseja a proximidade do próximo. A pele se dá conta da proximidade do próximo.

A segunda instância é a proximidade do próximo. Sua proximidade é iminente, pois ela chega a qualquer momento. A certa altura na história da subjetividade, a comunicação vem de fora, ela vem da proximidade do próximo. A proximidade do próximo exerce esse poder iminente de altura sobre o sujeito. Por sua altura de altura ela é ao mesmo tempo iminente e eminente. Diante dela o sujeito é obrigado e deferente (respeitoso e solícito). O próximo tem um rosto. A terceira instância para a subjetividade comunicativa é o rosto que fala.

A quarta instância é a substituição, isto é, se colocar no lugar do próximo, morrer no lugar do próximo – a expiação, a substituição. Portanto, a comunicação é hiperbólica, exagerada, excedente, transbordante, e chega ao máximo grau que é o de não apenas ouvir o outro ou compreender o outro ou auxiliar o outro, mas até o ponto de se colocar no lugar dele ou dela. As quatro instâncias ensinam a subjetividade humana e a capacitam. Elas ensinam que a subjetividade humana é comunicativa, é feita para fora, ou seja, para se comunicar com outrem.

A linguagem estabelece a modalidade da comunicação para a subjetividade de maneira tal que há respeito ético porque a linguagem mantém a distância entre os interlocutores, e por não eliminar ou assimilar as diferenças entre os interlocutores englobando-as numa Totalidade. As quatro instâncias da subjetividade comunicativa definem o conceito de subjetividade em Lévinas: ela é capaz de hospedar, capaz de oferecer hospitalidade, de acolher, de respeitar a alteridade.

Sucede que a instantaneidade do encontro com o próximo é diversa de toda instância que seja momentânea, instantânea, banal, corriqueira, manipuladora, enganadora. Diversamente dessa instantaneidade, aquela de Lévinas – a do

face a face – não passa, não é transitória, mas se instala na subjetividade nessa modalidade: outrem-em-mim.

É a linguagem que melhor exprime a comunicabilidade do sujeito em termos éticos, haja vista que a linguagem possui um imperativo ético de comandar o sujeito a responder, a ser responsável pela presença do próximo, pela sua proximidade.

O presente artigo se estrutura em quatro seções. A primeira seção define subjetividade comunicativa como o movimento do outro ao Mesmo. A segunda seção reflete sobre a comunicação *à la* Lévinas. Nessa seção define-se “comunicação” e apresenta a reflexão levinasiana sobre a mesma. A terceira seção aborda o tema da comunicabilidade do sujeito na relação face a face caracterizando-a como a transcendência ou a transponibilidade exercida pela linguagem como condição de possibilidade para a ética por motivo de que a comunicação instaurada pela linguagem se dá na separação; por isso, a linguagem viabiliza a comunicação apesar da distância entre os termos. Essa distância favorece a passagem da ideia do sujeito centrado em si ou que posiciona seu “eu” como centro (egotista) permanecendo em si e para-si para o ser-comunicativo, isto é, o ser-para-outrem. A comunicação no espaço da linguagem é transbordamento, é transponibilidade, é transcendência, é impossível no desejo do finito, e plausível no desejo do infinito.

1. SUBJETIVIDADE COMUNICATIVA

A subjetividade é tão comunicativa que em *De Dieu qui vient à l'idée*, por exemplo, o autor explana como o movimento do Mesmo ao outro¹⁰ provoca uma abertura no sujeito, tornando-o capaz de acolher o “Outro-no-Mesmo”.¹¹ Além disso, *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*, apresenta-se o movimento do outro ao mesmo em termos de “alteridade-no-mesmo”.¹² E essa instalação da alteridade-no-mesmo se assemelha à instalação da ideia do infinito-no-finito. Ou seja: trata-se de uma comunicabilidade e de uma expressividade

¹⁰ A referência à “passagem do ‘para-o-outro’” é de DVI 257, nota n. 3 (ID. *De Deus que vem à ideia*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 225, nota n. 3) e AE 166. Em *De Dieu qui vient à l'idée*, na nota de rodapé número 3, o autor faz referência à página 205 de *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*.

¹¹ DVI 98-99 (ID. *De Deus que vem à ideia*. p. 89-90).

¹² AE 85, p. 137.

para a subjetividade que é, na filosofia levinasiana, capacitada no presente ao se responsabilizar, isto é, quando ultrapassa a capacidade finita de se manter ensimesmada, egotista. Para tanto, a subjetividade comunicativa não se articula mais na estrutura da ideia do finito, do mesmo, na ideia do sujeito-em-si, mas sim na estrutura da ideia do infinito.

A proposta levinasiana para a Filosofia é realizar a passagem de uma Subjetividade Egotista para uma Subjetividade Comunicativa. A ideia do infinito é acessada somente a partir de um “eu” separado, mas não isoladamente na forma de uma *egologia*.¹³ Há a subjetividade despersonalizada e desidentificada, anulada na esfera fusional, mas há também a subjetividade separada em termos de solipsismo, solidão. Longe dessas duas modalidades para a subjetividade, a subjetividade comunicativa se opõe à filosofia da “fusão e da confusão”¹⁴ bem como a da egologia.

A filosofia levinasiana culminará com a ultrapassagem do subjetivo enquanto tal – entidade em si – (ontológico) para o subjetivo metafísico (o subjetivo-para). O metafísico encontra espaço no físico, isto é, no semblante alheio a qualquer hora, a qualquer tempo (espaço-tempo). A subjetividade que não é comunicativa está inerte e outrem estabelece um movimento para tal inércia. Trata-se de um movimento de ultrapassagem.

A ultrapassagem é, pois, “receber de Outrem para além da capacidade do Eu; o que significa exatamente: ter a ideia do infinito”.¹⁵ O para além quer dizer que o significado se dá “a partir do rosto de outrem, ofuscado, mas inesquecível, em todo discurso: a partir da expressão diante das palavras se interpela minha responsabilidade-pelo-outro, mais profunda que a evocação de quaisquer imagens”.¹⁶

Na avaliação de Lévinas, “para toda a filosofia ocidental”, o que conta não é a proximidade do próximo, mas sim “a comunicação daquilo que é comunicado”.¹⁷ Diversamente dessa comunicação repetitiva estão os parâmetros levinasianos da significação do Dizer. Para a significação do Dizer, “a inteligibilidade da racionalidade não estaria originalmente na linguagem do

¹³ TEI 14 (ID. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 2000. p. 31): “A filosofia é uma egologia”.

¹⁴ TEI 12 (ID. *Totalidade e Infinito*, p. 29); LÉVINAS, Emmanuel. *De l'existence à l'existent*, p. 163.

¹⁵ TEI 22 (ID. *Totalidade e Infinito*, p. 38).

¹⁶ LÉVINAS, Emmanuel. *L'au-delà du verset*, p. 9.

¹⁷ LÉVINAS, Emmanuel. *Dieu, la mort et le temps*. Paris: Livre de Poche, 2002 [1993]. p. 180.

Dito, na comunicação de conteúdos, mas no Dizer mesmo, na palavra doada ao próximo, que é a intriga da responsabilidade”.¹⁸ A subjetividade comunicativa é histórica não por poder contar e interpretar os fatos do passado, mas por poder narrar o presente e o futuro a partir do presente: há a possibilidade de recomeçar a história, de viver a história pessoal diferentemente, de outro modo que o Dito, que o ser finito e limitado. Há a possibilidade para a subjetividade comunicativa de viver outra história: uma história intrigante. Nessa intriga, Deus significa “o outro que o ser”¹⁹, e surge uma “significação diferente do plano tematizável da ontologia”.²⁰ Para tanto, o autor francês sugere o exercício da expressividade, da comunicabilidade não do pensar em si ou a partir de dentro, e sim o “pensar-fora”.²¹ A linguagem nos permite pensar fora.

Para Lévinas, a linguagem está para além da intencionalidade, já que a “linguagem é a possibilidade de entrar em relação independentemente de todo sistema de signos comuns aos interlocutores. [...] A fraternidade com o próximo como essência da linguagem original”.²² A linguagem não designa unicamente a comunicação verbal e através de palavras. Antes, ela significa um “acontecimento positivo e anterior da comunicação que seria proximidade e contato do próximo”.²³ Como a transcendência – a transponibilidade –, “a proximidade não é uma intencionalidade”, “esta reviravolta do dado em próximo e da representação em contato, do saber em ética, é rosto e pele humana. No contato sensorial ou verbal dormita a carícia, nela a proximidade significa”.²⁴ No entanto, essa significação deve ser compreendida em termos de uma “ausência desmedida” sem “correlativo”.²⁵ Sua significação é dada em termos de “infinito, e assim, num sentido absoluto”, a saber, “fora de toda intencionalidade. [...] O contato no qual eu me aproximo do próximo não

¹⁸ Ibid., p. 180.

¹⁹ Ibid., p. 141.

²⁰ Ibid., p. 181.

²¹ Ibid., p. 162.

²² EDEHH 324.

²³ EDEHH 328.

²⁴ EDEHH 328. Veja-se o meu estudo sobre o tema da fenomenologia levinasiana em: OLIVEIRA, Ednilson Turozi de. Emmanuel Lévinas e a herança fenomenológica: possível produção de uma teoria do conhecimento? *Revista Ética e Filosofia Política*, Juiz de Fora (Minas Gerais), Número XX – Volume I – junho de 2017, p. 188-228. In: http://www.ufjf.br/eticaefilosofia/files/2009/08/20_1_oliveira_10.pdf. Acesso em 12 de outubro de 2017.

²⁵ EDEHH 328.

é manifestação nem saber, mas acontecimento ético da comunicação que toda transmissão de mensagens supõe. [...] A primeira palavra diz apenas o dizer mesmo antes de todo ser e todo pensamento em que se mira e se reflete o ser”.²⁶

2. COMUNICAÇÃO

No *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*,²⁷ o étimo “comunicação” é definido como a ação de transmitir uma mensagem e, eventualmente, receber outra mensagem como resposta. Ademais, a comunicação é um processo que envolve a transmissão e a recepção de mensagens entre uma fonte emissora e um destinatário receptor, no qual as informações, transmitidas por intermédio de recursos físicos (fala, audição, visão etc.) ou de aparelhos e dispositivos técnicos, são codificadas na fonte e decodificadas no destino com o uso de sistemas convencionados de signos ou símbolos sonoros, escritos, iconográficos, gestuais etc. Destaca-se, aqui, a informação transmitida; seu conteúdo.

Para Lévinas, essa definição de comunicação estaria por demais vinculada à visão e ao conteúdo, ao dito. O dito é conteúdo passado. Lévinas almeja o eterno presente que se repete em todo espaço-tempo. Ele prefere a ação da fala, do Dizer, do contato, do encontro face a face bem como do espaço comunicativo que é instaurado pela linguagem que permite com que os interlocutores digam sua palavra, ensinem e ao mesmo tempo permanecem separados. Comunicação é infinitivo presente, sempre. É dizer: “O Dizer é puro por Outrem, pura doação de sinal – puro ‘se-fazer-sinal’ – pura ex-pressão de si – pura sinceridade – pura passividade”.²⁸

Comunicação não é coisa do passado, do Dito, do finito, do acabado. Ela é sempre evento do presente e do futuro: ela é infinita. Ela é aprendizado contínuo. Ela é ensino. Ela é positiva: ela é comunicação *ad infinitum* começando no presente, e não negação do infinito pelo finito ou absorção do finito no infinito. Sua história começa aqui e agora e é a partir dessa comunicação interpessoal no presente que toda comunicação do sujeito anterior a ela é reinterpretada pela filosofia levinasiana.

²⁶ EDEHH 329.

²⁷ *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. CD.

²⁸ AE 78.

A subjetividade comunicativa não se restringe mais aos “imos” filosóficos ou à redução do discurso filosófico apenas ao âmbito da natural finitude humana, mas abre o discurso da subjetividade à sua intrínseca comunicabilidade, à sua expressividade natural para, num segundo momento e após o encontro face a face, se responsabilizar eticamente. Ou seja: não se trata de exigir que a subjetividade seja comunicativa direcionando-a ou obrigando-a ao âmbito metafísico ou religioso, mas sim a reenviando à comunicação naturalmente inter-humana para, daí, sim, redescobrir na subjetividade seu autêntico desejo comunicativo de outrem e, por que não, de Deus, do Infinito.

Qual é, portanto, a linha filosófica para a teoria da comunicação levinasiana? Qual é o ponto de partida? A realidade da espontaneidade com que os seres humanos se relacionam? Certamente. Realismo de base? Talvez. Antirrealismo de base e adoção do nominalismo, na teoria da ciência, explanando a tese de que toda abstração conceitual é ficção?²⁹ Talvez. Transbordamento comunicativo similar ao transbordamento metafísico e das religiões? Certamente, mas não nos moldes da fusão, e sim do ateísmo da separação entre os interlocutores. “Desejo do infinito”, e, por ser um “transbordamento”, o rosto se apresenta para além “de ser sempre imanente ao meu pensamento”.³⁰

Para evitar interpretações equivocadas, Lévinas avisa que em nível filosófico a separação que se prevê para as exigências éticas por ele propostas pode chegar até o “ateísmo metafísico”, isto é, sem depender do conceito de “participação”.³¹ Por mais que se tente inferir um interstício místico na linha da teologia apofática³², uma leitura mais aprofundada observa, como o fez a teóloga Maria Clara Bingemer, que existe ambiguidade no discurso filosófico levinasiano no que tange à religião: “Assim como Ricoeur deixa aberta a última interpretação da Alteridade da consciência, Levinas afirma também a ambiguidade desses rastros, que é possível interpretar ou não religiosamente. Para ele não cabe mostrar nem demonstrar Deus, como se fora um objeto ou a conclusão de um silogismo. Como homem de fé, preserva sua intangível Santidade, denominando-a eleidade (*illeité*). Segundo ele, de Deus não há

²⁹ Verifique-se esse excelente estudo em teoria da ciência: DUTRA, Luiz Henrique de A. *Introdução à Teoria da Ciência*. 2ª ed. Florianópolis: UFSC, 2003. p. 36-37.

³⁰ TEI 273 (ID. *Totalidade e Infinito*, p. 277).

³¹ TEI 49 (ID. *Totalidade e Infinito*, p. 63).

³² Diz o autor que “esta transcendência não saberia ser conduzida aos moldes da teologia negativa”: LÉVINAS, Emmanuel. *Dieu, la mort et le temps*, p. 157.

demonstração nem prova, mas somente testemunho ético na responsabilidade pelos outros”.³³ O ponto de partida levinasiano não é, então, a contemplação e inserção fusional na divindade. Certamente não.

Portanto, não importa se a pessoa é religiosa ou sem religião, ela não é livre da responsabilidade suscitada nas relações intersubjetivas. A relação frente a frente é experiência primeira e em si, sem um referencial metafísico ou religioso normativo. Isso para evadir as malhas da imanência, da banalização, da indiferença nas relações, da redução à finitude, haja vista que o próximo vem à ideia, o infinito vem à ideia, e até mesmo Deus vem à ideia. Todos nós nos relacionamos, a menos que se compre uma ilha e se vá nela residir sozinho: um perfeito exercício no solipsismo. Ou, então, outra opção é se fechar no relacionamento exclusivo no qual apenas as pessoas do mesmo grupo, do mesmo partido, do mesmo time, da mesma religião, da mesma universidade, do mesmo ambiente de trabalho. No entanto, essa “utopia” é mera ilusão, pois, para citar um exemplo, em megalópoles como a Cidade de São Paulo é impossível evitar o contato multicultural e diversificado no transporte público.

A comunicação não para. Ela deseja o infinito. É próprio da comunicação humana não se fechar na finitude limitada de sua consciência, pois, se assim o fosse, qualquer descoberta (novidade) para a subjetividade seria impossível. A consciência deseja o infinito; ela não para no finito. Para Lévinas, portanto, não se trata apenas de um desejo aristotélico de conhecer,³⁴ e sim de um “desejo metafísico”³⁵ de comunicação ao infinito e infinitamente longe da perspectiva da coexistência fusional e identitária, principiando, assim, pela humildade do reconhecimento no sujeito de um desejo de se comunicar, de um desejo insaciável da proximidade de outrem.

A proximidade de outrem comanda a comunicabilidade da subjetividade, mas em seu grau ético, por excelência, por eminência, por transcendência. Desidentificar ou despersonalizar a subjetividade não é apenas exigir que ela ceda à fusão com o sistema político, com a divindade, mas, antes, é exigir que ela se comunique apenas em nível finito ou em termos restritamente presos à sua finitude instintiva, que ela seja apenas para-si e em si centrada – egotista

³³ BINGEMER, Maria Clara. *O Mistério e o Mundo: Paixão por Deus em tempos de descrença*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013. p. 172.

³⁴ ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Valentín García Yebra. Madrid: Gredos, 1998. Livro I, 980a, p. 3.

³⁵ TEI 3-4, 20-21 (ID. *Totalidade e Infinito*, p. 21-22, 37); DVI 112-114 (ID. *De Deus que vem à ideia*, p. 100-102); TEI 33 (ID. *Totalidade e Infinito*, p. 49).

– quando, na realidade, a característica da comunicabilidade humana é “desejo do infinito”. Em *Totalité et Infini*, o filósofo esclarece que “pôr o ser como exterioridade é encarar o infinito como o Desejo do infinito e, desse modo, compreender que a produção do infinito apela para a separação”.³⁶

O desejo do infinito move o sujeito do ser-para-si ao “ser-para-outrem”,³⁷ É expressividade – energia ou força de fora para dentro porque é já desejo infinito de comunicação de dentro para fora, à flor da pele. Não é o sujeito que abarca ou convive com o infinito, e sim o infinito que vem ao sujeito. É uma convivência na relação assimétrica – o mais-no-menos –, e ela é possível na comunicação estabelecida pela linguagem, pela relação assimétrica. É o registro transcendental. Transcendental porque é comunicação não fusional com outrem a partir de outrem, atraído pelo desejar não a si mesmo, mas a outrem.

Comunicação consigo mesmo ou comunicação entre iguais ou semelhantes reincide nas malhas do solipsismo. Logo, tanto a comunicação intersubjetiva quanto a comunicação com Deus não parte do sujeito. A comunicação parte da transcendência, da experiência intersubjetiva que não depende mais do “eu”, e sim de outrem, de fora das malhas racionais da subjetividade egotista e ensimesmada para uma subjetividade comunicativa transcendental, sensível, à flor da pele, isto é, separada e que pacientemente espera a interpelação alheia para acordar do sono egoisticamente dogmático. O espaço da linguagem é ético, é o espaço da dupla-negação: da impossibilidade da indiferença diante do próximo – é a possibilidade da não-indiferença (da dupla negação). Na filosofia levinasiana, o conceito de proximidade como não-indiferença ao próximo ainda se situa dentro dos parâmetros e dos limites da filosofia, da razão e da inteligibilidade. Tais limites se devem ao fato de que a razão “vive na linguagem”.³⁸

A comunicação é possível se os interlocutores não têm por objetivo possuir outrem, pois o sujeito estaria se esquecendo de que o rosto resiste no mundo à guisa de uma ausência, que se perfaz ao modo da ideia do infinito, da ultrapassagem própria ao mais no menos. O autor não nega a sensibilidade, o Desejo e a dimensão corpórea e sexual nos seres humanos. Ele os re-situa no âmbito

³⁶ TEI 268 (ID. *Totalidade e Infinito*, p. 272).

³⁷ Cf. COHEN, Richard A. The Face of Truth in Rosenzweig, Levinas, and Jewish Mysticism. In: GUERRIÈRE, D. (ed.) *Phenomenology of the Truth Proper to Religion*. New York: State University of New York, 1990. p. 198-200. Verifique-se: TEI 282-283 (ID. *Totalidade e Infinito*, p. 285).

³⁸ TEI 182-184 (ID. *Totalidade e Infinito*, p. 186-187); AE 211-212; DVI 57-58 (ID. *De Dieu qui vient à l'idée*, p. 53).

da transcendência metafísica e da ética e longe da imanência inerente à consciência. A linguagem instaura uma relação de separação entre os interlocutores.

Um “in” metafísico e ético – infinito (metafísica) e inquietude (ética) – se insere e *inquieta* todo Eu ensimesmado na relação Eu-Consciência, e em toda relação fechada e exclusiva que esteja fundamentada unicamente numa dimensão humana ou política, ou no interesse, ou na consanguinidade, ou na etnia. Um “in” metafísico e ético vem à tona, devastando a exclusividade e *instaurando* a hospitalidade. O “in” devasta e faz do “eu” um “se”: um “eu” que *se* abre e *se* oferece a outrem, se substitui por outrem e, desse modo, se desliga da relação: “Mas assinalamos também que esta relação de verdade que, a um tempo, preenche e não preenche a distância – não forma totalidade com a ‘outra margem’ – assenta na linguagem: relação em que os termos *se desligam* da relação –, permanecem desligados na relação. Sem tal desligamento, a distância absoluta da metafísica seria ilusória”.³⁹

Dado que a metafísica levinasiana não admite um espaço dual, mas sempre triádico, qualquer relação exclusiva nos parâmetro do Eu-Tu é devastada pelo “in” da metafísica-ética levinasiana: a ideia-do-infinito no rosto alheio que nunca nem eu e nem minha consciência poderão dominar, conter.⁴⁰

Sendo assim impossível de conter, de dominar, de se movimentar sem a alteridade, a comunicação está sempre para além da solidão e do amoralismo. Lévinas discorda da tentativa kierkegaardiana de superar o estágio ético pelo estado religioso porque no “âmbito da fé religiosa”, “simultaneamente comunicação e solidão”, ocorre “violência e paixão”, acarretando o “desprezo pelo fundamento ético do ser que, através de Nietzsche, conduz ao amoralismo das filosofias mais recentes”.⁴¹

A comunicação no espaço da linguagem é possível a partir das diferenças, sem se preocupar com a anulação das mesmas. Na linguagem, instaura-se uma dinâmica de presença e de ausência. A linguagem atualiza a presença de outrem diferentemente do preenchimento da intuição, pois a linguagem é a revelação e um despertar para o que está fora dela, para o que está ausente dela e que nunca estará presente como os objetos lhe estão presentes. A consciência pode pensar o que está ausente dela. A consciência pode pensar o próximo, outrem, sem se preocupar em assimilar este Outrem para dentro do Mesmo.

³⁹ TEI 35-36 (ID. Totalidade e Infinito, p. 51).

⁴⁰ DVI 108-110, 130 (ID. *De Deus que vem à idéia*, p. 98-99, 117).

⁴¹ LÉVINAS, Emmanuel. *Nomi proprii*. Casale Monferrato: Marietti, 1984 [1976]. p. 87.

Esse pensar é uma inquietação ética, já que não podendo conter o mais, que é o rosto, a consciência acaba cedendo à deferência à face alheia. A diferença instaura a não-indiferença e a não-indiferença, por sua vez, cede à deferência, à responsabilidade e até mesmo à substituição pelo próximo.⁴²

3. SUBJETIVIDADE COMUNICATIVA NA RELAÇÃO FACE A FACE

A exigência ética da responsabilidade – de responder com respeito à interpelação do próximo – sucede na linguagem, pois ela é interpelação no imperativo. Quando define a imediatidade do encontro com o rosto, o autor se refere ao “imediativo” como “interpelação e, se assim se pode dizer, o imperativo da linguagem”.⁴³ A ética perpassa qualquer dimensão subjetiva, mas busca situar-se metafisicamente, isto é, para além não no além, mas no aqui e agora da relação intersubjetiva. O acesso à face é “imediatamente ético” pelo fato de a face “não poder ser reduzida”.⁴⁴ Se ela não pode ser reduzida a um “conteúdo”, é melhor dizer que ela não é “vista” e que, por isso mesmo, ela “conduz ao para-além”.⁴⁵ Por conseguinte, a noção de rosto não está unida à noção de visão. A noção de rosto se vincula à linguagem: “O rosto fala”.⁴⁶ A relação “autêntica” com o rosto, que fala, exige, portanto, “resposta”, “responsabilidade”.⁴⁷ Para tanto, há um para-além (*au-delà*).⁴⁸ O para-além é a “sensibilidade à flor da pele”,⁴⁹ é o questionamento ético da consciência (Lévinas) a partir da face alheia, e que

⁴² TEI 190 (ID. *Totalidade e Infinito*, p. 193): “Outrem que me domina na sua transcendência é também o estrangeiro, a viúva e o órfão, em relação aos quais tenho obrigações”; AE 157-158: “À un désir du non-désirable, à un désir de l'étranger dans le prochain. [...] Mais ce désir du non-désirable, cette responsabilité pour le prochain – cette substitution d'otage – c'est la subjectivité et l'unicité du sujet”.

⁴³ TEI 23 (ID. *Totalidade e Infinito*, p. 38).

⁴⁴ LÉVINAS, Emmanuel. *Éthique et Infini*. Paris: Fayard, 1993. p. 89-90.

⁴⁵ Ibid., p. 91.

⁴⁶ Ibid., p. 92.

⁴⁷ Ibid., p. 92.

⁴⁸ AE 193: [...] dans mon Dire sans dit, dans mon dire préoriginaire qui se dit dans la bouche de celui-là même qui reçoit le témoignage [...] gardant ainsi dans son énoncé la trace de l'excession de la transcendance, de l'au-delà.

⁴⁹ AE 18: “Sensibilité à fleur de peau”.

é instaurado pela linguagem. Trata-se do “questionamento da consciência”⁵⁰ para além (metafísica) da consciência do questionamento.

Lévinas propõe a linguagem como condição de possibilidade (Kant) para que a subjetividade se dê conta tanto da ética na relação face a face ao mesmo tempo em que reconhece a própria estrutura da consciência humana que é uma estrutura cartesiana no sentido de que a ideia do infinito é a estrutura ulterior. A teoria levinasiana da comunicação não desconstrói a subjetividade, antes, a reconstrói na relação.

A teoria levinasiana intenta pela comunicação capacitar a subjetividade a passar do egotismo à ação ética do acolhimento de outrem, da Alteridade. Nas palavras do filósofo de Kaunas em *Totalité et Infini*: “A relação ética, o frente-a-frente dirime também sobre toda a relação que se poderia chamar mística. [...] Aí reside o caráter racional da relação ética e da linguagem”.⁵¹ A interpelação advinda no rosto alheio que fala obriga, comanda, responsabiliza a subjetividade a hospedar, a acolher. O laço indissolúvel entre linguagem e ética se deve, primeiramente, ao fato de que a relação com o próximo é explicada em termos de um Discurso, de um ensinamento, e, em segundo lugar, que a linguagem é uma interpelação no imperativo.

Em primeiro lugar, o autor argumenta: “A relação com Outrem ou o Discurso é uma relação não-alérgica, uma relação ética, mas o discurso acolhido é um ensinamento. O ensinamento não se reduz, porém, ao despertar do sujeito a partir da interioridade, como na maiêutica socrática; mas vem do exterior, é exterioridade, é ética, e traz mais do que eu contendo”.⁵² A crítica à maiêutica socrática se deve à ênfase levinasiana na possibilidade de aprender com o outro, e no fato de que o outro ensina a transcendência: “Não exclui a abertura da própria dimensão do infinito que é altura no rosto do Mestre. A voz que vem de uma outra margem ensina a própria transcendência”.⁵³

Para ilustrar a dimensão da transcendência, ouve-se um adicional assimétrico levinasiano ao versículo do Salmo 105 (104) (versículo 4): “Buscai constantemente a face de Deus” no rosto do próximo: “A dimensão do divino abre-se a

⁵⁰ LÉVINAS, Emmanuel. *Humanisme de l'autre homme*. Montpellier: Fata Morgana, 1972 [1972]. p. 49.

⁵¹ TEI 177 (ID. *Totalidade e Infinito*, p. 181).

⁵² TEI 22 (ID. *Totalidade e Infinito*, p. 38). Verifique-se também esta referência: TEI 41 (ID. *Totalidade e Infinito*. p. 56).

⁵³ TEI 146 (ID. *Totalidade e Infinito*. p. 153).

partir do rosto humano”.⁵⁴ Não se trata apenas de uma epifania que manifesta, e sim de uma manifestação reveladora na linguagem: a linguagem revela o imperativo categórico na relação face a face com o estrangeiro, o diferente, o distante. Para o filósofo, a linguagem “instaura uma relação irreduzível à relação sujeito-objeto”, pois ela possui uma “função reveladora”: “A revelação do Outro”.⁵⁵ A epifania do rosto se caracteriza pela “Altura” e pela “Humildade”, “sem mediação de nenhuma imagem na sua nudez”, e, portanto, distinto da aparência “puramente fenomenal”. O conceito de “epifania como rosto” é explicado em termos do Desejo e da ética, mas não de união essencial. A epifania da face alheia exige uma atitude ética, que desperta o sujeito para a humildade de aceitar o ensino da exterioridade. A “epifania é ética”.⁵⁶

Em segundo lugar, enquanto a distância entre o sujeito e os objetos é “transponível”, o fenômeno rosto está presente na distância intransponível da separação, na “recusa de ser conteúdo”, “de ser englobado”.⁵⁷ A transponibilidade da linguagem se dá na separação; por isso, a linguagem viabiliza a comunicação apesar da distância entre os termos.

É o concreto, o rosto que restitui à linguagem o seu verdadeiro sentido. O fenômeno, o rosto, passa a se oferecer ao discurso. Dizer que o rosto se oferece ao discurso, ou seja, é palavra, significa apontar para um movimento indo além da trama da objetividade. Dizer que o rosto se oferece ao discurso é reconduzir a palavra ao seu sentido de exprimir-se. Portanto, “a manifestação do rosto é já um discurso”.⁵⁸ É um discurso que excede a própria manifestação do rosto num contexto, na luz, e que, por isso, deixa a subjetividade desconcertada e inquieta.

Não é a razão que é universalizada, e sim a comunicabilidade entre os seres humanos: a inter-relação humana estabelecida na linguagem cujo laço indissolúvel não é estabelecido de modo tal que obriga as subjetividades à totalização, ao sistema, à assimilação, à fusão, mas respeita eticamente a separação. A subjetividade é o espaço da comunicação, mas não a partir de si (ensimesmada), mas sim a partir da alteridade, do que está fora da imanência da consciência subjetiva.

⁵⁴ TEI 50 (ID. *Totalidade e Infinito*, p. 64).

⁵⁵ TEI 45 (ID. *Totalidade e Infinito*, p. 59).

⁵⁶ TEI 174 (ID. *Totalidade e Infinito*, p. 178-179); TEI 174 (ID. *Totalidade e Infinito*, p. 178).

⁵⁷ TEI 168 (ID. *Totalidade e Infinito*, p. 173).

⁵⁸ TEI 37 (ID. *Totalidade e Infinito*, p. 53).

A consciência subjetiva simétrica sem relação não comunica e não se comunica, não se expressa a si. Opostamente, a consciência subjetiva na relação de transcendência, isto é, assimetricamente a partir de outrem, é uma subjetividade comunicativa. Há no rosto alheio um apelo contra o homicídio, e ele “se inscreve no rosto e constitui sua própria alteridade”.⁵⁹ O respeito “não é uma relação indiferente, como uma contemplação serena, [...] não é o resultado, mas a condição ética. Ela é linguagem. O respeito vincula o homem justo a seu sócio na justiça, antes de vinculá-lo ao homem que reclama justiça”.⁶⁰

Tal comunicação pode suceder a qualquer momento, a qualquer hora: ela é iminente como a morte. Por conseguinte, ela é uma subjetividade física no sentido de não escapar das exigências newtonianas e kantianas do espaço-tempo, sem por isso deixar de ser relativa e quântica, por se tratar de uma nova subjetividade que escapa dos moldes do ser-e-não-ser atingindo o Infinito ao se expandir do ser-em-si para o ser cada vez mais responsável pelo próximo. Ou seja: não ser mais o que era para ser mais do que a consciência possa imaginar; pois a consciência não é mais obrigada a desembocar na fusão, na confusão, na assimilação. Todavia, toda razão que é comunicativa ainda não é razão levinasiana. Essa é a caracterização levinasiana da comunicação inter-humana: “Aquilo que é apresentado como o fracasso da comunicação no amor constitui precisamente sua presença como outro. O outro é o próximo – mas a proximidade não é uma degradação ou uma etapa da fusão”.⁶¹

Ainda em *De l'existence à l'existent*, ao descrever a relação interpessoal, o autor se distancia da comunhão, da fusão, da reciprocidade e da simetria, e a descreve como o “lugar de uma transcendência na qual o sujeito [...] conserva sua estrutura de sujeito [e] tem a possibilidade de não retornar fatalmente a si mesmo, [e, assim,] de ser fecundo”.⁶²

A subjetividade levinasiana é intercomunicativa: ela quer se expressar, mas está ainda em estado de vigília, dormente. Outrem desperta o *ego* da sua vigília anônima. É um caminho do ser-em-si ao ser-para. É um movimento, é Física. O pensamento não para, vive a se movimentar. Toda mudança na consciência vem de um movimento de interdição. Entre o dizer e o dito está a ética do entre nós. O diferente está entre nós.

⁵⁹ EN 45.

⁶⁰ EN 45.

⁶¹ LÉVINAS, Emmanuel. *De l'existence à l'existent*, p. 163 (ID. *Da existência ao existente*, p. 113-114).

⁶² *Ibid.*, p. 165 (ID. *Da existência ao existente*, p. 114).

Passa-se do anonimato à existência quando ocorre a interpelação advinda do próximo distante, e não apenas do próximo membro da mesma família, da mesma etnia, da mesma cultura, da mesma religião. Trata-se, pois, do próximo longínquo, do estrangeiro, do pobre, do órfão, da viúva. Habitamo-nos a começar a reflexão filosófica por aquilo que está à mão, perto, mas nossa capacidade humana não é finita, e sim infinita: podemos começar de bem longe, da Infinitude, da Eternidade. Portanto, a estrutura mental não é parametricamente limitada ao finito, e sim ilimitada: é parametricamente infinita – transborda ao infinito. A condição de possibilidade para a capacitação da subjetividade comunicativa não é a sua aceitação dramática da finitude, mas sim do seu desejo do infinito.

Não há nenhum drama e nenhuma novidade em repetir que morreremos e somos seres finitos, e nem mesmo em reconhecer que há liberdade de organizar o espaço no tempo que nos resta. O drama é perceber que a novidade não está nisso, e sim no que é maior do que o sujeito, a saber, o Infinito-no-Finito. Isso, sim, traumatiza, pois é muito mais do que se pode conter.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o Brasil, Lévinas contribui com a teoria da subjetividade comunicativa a partir da relação com a alteridade do próximo. Não há a necessidade de obrigar a alteridade alheia à modalidade da assimilação na configuração da consciência intencional do sujeito. Logo, Lévinas se distancia tanto da fenomenologia quanto da Teoria do Conhecimento ocidentais pelo próprio fato de que há um para-além (*au-delà*) do diálogo entre sujeito-sujeito, sujeito-objeto, objeto-objeto. A subjetividade comunicativa é nova, original, no sentido de ser capaz de acolher, de ser hospitaleira. Distante do idealismo, do realismo e do antirrealismo, Lévinas adota a linguagem para explicar a subjetividade comunicativa que transborda o idealismo, o realismo e o antirrealismo.

Lévinas propõe a capacitação da subjetividade pela comunicação: ela é destronada do antigo império do “eu” e passa a ser capaz⁶³ de se preocupar com outrem, capaz de sociedade, de estar presente, de se encontrar, de servir,

⁶³ LÉVINAS, Emmanuel. *Nouvelles lectures talmudiques. Nouvelles Lectures Talmudiques*. Paris: Minuit, 1996. p. 88: “Je suis capable de me soucier d’autrui”; TEI 182-184 (ID. *Totalidade e Infinito*, p. 186-187).

de se responsabilizar, com ou sem religião: “A ideia do infinito implica uma alma capaz de conter mais do que ela pode tirar de si. Desenha um ser interior, capaz de relação com o exterior e que não toma a sua interioridade pela totalidade do ser”.⁶⁴ A subjetividade levinasiana é capaz de se comunicar; ela é capaz do pronome reflexivo “se” como em se oferecer, em se sacrificar.⁶⁵ A subjetividade comunicativa é capaz de acolher, de ser anfitriã. A ética é a filosofia primeira. O para além do ser é a ética. O movimento de transcendência faz com que o sujeito seja capaz de evadir de si na doação, na acolhida pacificadora.

A experiência humana e pré-filosófica que melhor descreve esse movimento de hospitalidade, é a linguagem. O movimento de transcendência inerente à linguagem permite ao sujeito ser capaz de priorizar o próximo. Tal movimento de priorização é o “mais no menos”. Esse movimento é a ideia do infinito. Uma subjetividade comunicativa muito infinitamente além do egotismo e em sentido de prontidão não para a Guerra, e sim para a Paz.⁶⁶ Não há aqui nenhuma despersonalização ou desidentificação patológica porque não parte de uma preocupação do sujeito com sua autopreservação, e nem impõe uma perspectiva fusional. Não se trata, portanto, de um esforço pessoal, e sim de ver e agir éticos à guisa de Mateus 25. Lévinas interpreta o Evangelho de Mateus, Capítulo 25: “A relação a Deus é aí apresentada como relação ao outro homem. Não é metáfora: em outrem, há presença real de Deus. Na minha relação a outrem, escuto a Palavra de Deus. [...] Não digo que outrem é Deus, mas que, em seu Rosto, entendo a Palavra de Deus”.⁶⁷

Não há esforço pessoal, aliás. Esforçar-se é estar em prontidão para a guerra contra os opostos (Heráclito),⁶⁸ mas se tudo flui, tudo passa, é o sujeito quem passa, e o sujeito só sabe que passará porque outros sujeitos morreram, passaram. Há um fluxo contínuo, infinito, interminável. Quanto mais se esforça para permanecer em si ou no solipsismo, mais sofre a dor de não saber sofrer, porque o verdadeiro sofrimento é o trauma de ter de se aceitar menor diante do desconhecido, do enigmático outrem. A posse de si enquanto autoapropriação é positiva, mas é impossível possuir outrem. Compreender outrem está

⁶⁴ TEI 155 (ID. *Totalidade e Infinito*, p. 162).

⁶⁵ AE 190, nota n. 17; AE 70.

⁶⁶ TEI 283 (ID. *Totalidade e Infinito*, p. 286).

⁶⁷ EN 120.

⁶⁸ HERÁCLITO. *Fragmentos*. Trad. José Cavalcante de Souza. In: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1996. P. 96.

muito além de possui-lo/a; é deixar falar, é ouvir, é se colocar no seu lugar, é se comunicar com ele ou ela, mas nunca possuir.

A perspectiva de Lévinas reconstrói a subjetividade. A perspectiva de Lévinas não reconstrói a subjetividade a partir do nada, não a reconstrói a partir da Totalidade, não a reconstrói a partir do “eu”, não a reconstrói a partir do conhecimento, da religião, da cultura, da liberdade, dos conceitos, dos princípios, e sim partindo da relação interpessoal. O que se reconstrói aí é uma nova subjetividade. Ela é uma subjetividade corporalmente comunicativa. A corporeidade é comunicativa, fecunda.

Existem correntes filosóficas que nos tornam verdadeiros “papagaios”: elas exigem que sejam repetidas. Acontece que essa tendência não é um exercício de cópia e nem de imitação, mas, antes, um exercício na Lógica da mera repetição. O filósofo lituano oferece-nos uma oportunidade ímpar de filosofar sem virar meros papagaios. Como? Principiando pela intercomunicação entre os seres humanos, mas a comunicação é alargada para incluir tudo o que existe, tudo o que está fora do sujeito. É a tarefa de reconstruir a subjetividade partindo da relação ou, melhor dizendo, da interpelação ética na inter-relação, na comunicação.

Essa reconstrução é explicada por Lévinas de modo tal que a leitura de seus textos ecoa Kant.⁶⁹ O referencial necessário para ler a subjetividade comunicativa levinasiana é necessariamente a História da Filosofia.

A subjetividade é infinitamente capaz de acolher, de se comunicar, de dizer o início de tudo que é o início de uma nova história, de uma nova filosofia. Esse início é o espanto, a admiração, o susto que advém quando a face alheia me fala, me fita. Há ali nessa face alheia a exigência para que o sujeito responda, se responsabilize. Não se responde de mãos vazias, nem com indiferença. A subjetividade comunicativa é ética por excelência: é a impossibilidade da possibilidade de ser indiferente à diferença que me vem do contato imediato (instância, instantaneidade, iminência, eminência) com o rosto alheio cujo brilho reluz transbordante para a consciência do “eu” egotista que intenta englobá-lo. O face-a-face (a ética) liberta da caverna do sujeito egotista e é, portanto, a filosofia primeira.

⁶⁹ EN 19.

ABREVIACÃO DAS OBRAS DE LÉVINAS

- AE - *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1974 [1974].
- DVI - *De Dieu qui vient à l'idée*. Paris: Vrin, 1998 [1982].
- EDEHH - *En découvrant l'existence avec Husserl et Heidegger*. Paris: Vrin, 2001 [1949].
- EN - *Entre Nous: Essais sur le penser-à-l'autre*. Paris: Livre de Poche, 1998 [1991].
- TEI - *Totalité et Infini*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1974 [1961].
- O número que aparece após cada abreviação se refere ao número da página.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

III Seminário Internacional Emmanuel Lévinas: **Amor e Justiça**. In: http://www.faje.edu.br/eventodinamico/eventos/index.php?pagina=grupo_conteudo&tela=33&evento=37. Acesso em 30 de outubro de 2017.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Trad. Valentín García Yebra. Madrid: Gredos, 1998.

BINGEMER, Maria Clara. **O Mistério e o Mundo: Paixão por Deus em tempos de descrença**. Rio de Janeiro: Rocco, 2013. p. 172.

COHEN, Richard A. The Face of Truth in Rosenzweig, Levinas, and Jewish Mysticism. In: **DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS da língua portuguesa**. CD.

GUERRIÈRE, D. (ed.) **Phenomenology of the Truth Proper to Religion**. New York: Sate University of New York, 1990. p. 198-200.

DUTRA, Luiz Henrique de A. **Introdução à Teoria da Ciência**. 2ª ed. Florianópolis: UFSC, 2003. p. 36-37.

HERÁCLITO. **Fragmentos**. Trad. José Cavalcante de Souza. In: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1996. P. 96.

LÉVINAS, Emmanuel. **Autrement qu'être ou au-delà de l'essence**. The Hague: Martinus Nijhoff, 1974 [1974].

- _____. **Da existência ao existente**. Campinas: Papyrus, 1998.
- _____. **De Dieu qui vient à l'idée**. Paris: Vrin, 1998 [1982].
- _____. **De Deus que vem à idéia**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. **De l'existence a l'existant**. Paris: Vrin, 1998.
- _____. **Dieu, la mort et le temps**. Paris: Livre de Poche, 2002 [1993].
- _____. **En découvrant l'existence avec Husserl et Heidegger**. Paris: Vrin, 2001 [1949].
- _____. **Entre Nous: Essais sur le penser-à-l'autre**. Paris: Livre de Poche, 1998 [1991].
- _____. **Humanisme de l'autre homme**. Montpellier: Fata Morgana, 1972 [1972].
- _____. **L'au-delà du verset**. Paris: Minuit, 2002 [1982].
- _____. **Nomi propri**. Casale Monferrato: Marietti, 1984 [1976].
- _____. **Nouvelles Lectures Talmudiques**. Paris: Minuit, 1996.
- _____. **Totalité et Infini**. The Hague: Martinus Nijhoff, 1974 [1961].
- _____. **Totalidade e Infinito**. Lisboa: Edições 70, 2000.

LLEWELYN, John. **Emmanuel Levinas: the genealogy of ethics**. London/New York: Routledge, 1995. p. 196, 234.

OLIVEIRA, Ednilson Turozi de. Emmanuel Lévinas e a herança fenomenológica: possível produção de uma teoria do conhecimento? **Revista Ética e Filosofia Política**, Juiz de Fora (Minas Gerais), Número XX, Volume I, junho de 2017, p. 188-228. In: http://www.ufjf.br/eticaefilosofia/files/2009/08/20_1_oliveira_10.pdf. Acesso em 12 de outubro de 2017.

PEPERZAK, Adriaan Theodoor. **To the Other: an introduction to the philosophy of Emmanuel Levinas**. West Lafayette: Purdue University, 1993.

PIVATTO, Pergentino S. Ética da alteridade. In: OLIVEIRA, Manfredo A. de (org.) **Correntes fundamentais da Ética contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 79-97.